A Interminável Dubiedade do *Testimonium Flavianum*

Octavio da Cunha Botelho

Maio/2020

Unanimidade não é Certeza

A maneira pela qual expressamos nossas perguntas ou nossas respostas reproduz o grau de certeza ou de dúvida sobre o que conhecemos. Por exemplo, quando alguém dirige para outro a seguinte pergunta: “você acredita em deus”? A necessidade da utilização da palavra “acredita”, neste exemplo, acontece em razão do fato de que a existência de deus é uma crença, ou uma hipótese, portanto uma dúvida e não uma certeza uniformemente compartilhada por todos. Pois, quando existe dúvida, então o nosso conhecimento daquela coisa ou daquela pessoa poderá ser uma crença, e não uma certeza. A crença acontece quando não temos certeza absoluta. Por outro lado, de maneira muito diferente, ninguém pergunta para outro: “você acredita que dois mais dois são quatro”? Isto porque Matemática não é crença, não é dúvida, por ser uma ciência exata, ela é certeza demonstrável e reconhecida por todos. De forma que, quando falamos de um assunto que carrega dúvidas, emitimos então crenças, opiniões, hipóteses, conjeturas e especulações, quando tratamos de um assunto carregado de certeza, o que pronunciamos é fato, confirmação, compartilhamento universal e irrefutabilidade.

Assim, quando lidamos com a dúvida, o que procuramos encontrar é o maior ou menor grau de probabilidade, enquanto que, quando trabalhamos com a certeza, o que procuramos é o maior ou menor grau de comprovação e de exatidão. Desde o ponto de vista científico, estas duas maneiras de pesquisar dependem da maior, menor ou nenhuma disponibilidade de provas. Então, na ausência de provas, trabalhamos com a especulação ou, com o que é um tanto mais seguro, com o debate utilizando argumentos teóricos e hipóteses, o que conduz para um maior ou menor grau de probabilidade, mas não de certeza científica.

Agora, o que precisa ser esclarecido é uma confusão que acontece na mente de muitos religiosos descuidados, qual seja, a de pensar que unanimidade de opiniões significa certeza. Contrariamente, um fato ou uma ideia pode ser acreditado por muitos ou por todos e não ser realidade. Veja o exemplo da ideia geocêntrica, cuja crença na centralidade da Terra foi compartilhada por todos por muito tempo, ou por quase todos, portanto uma unanimidade de opiniões, mas, depois de séculos de confiabilidade, foi provada a sua irrealidade por Copérnico e por outros astrônomos subsequentes a partir do século XVI e.c. Uma curiosidade é o fato de que muitos religiosos confundirem o alto grau de probabilidade, ou a unanimidade de opiniões, com a certeza, pois, acostumados como

estão, com a vagueza e a imprecisão das ideias religiosas, alguns religiosos pensam que o alto grau de probabilidade é o suficiente para ser convencido da certeza. Da mesma maneira, se uma opinião é aceita por todos ou quase todos os estudiosos, então esta opinião assume o grau de certeza. Sendo assim, para eles, em muitos casos, se uma teoria é unanimemente aceita, então ela é a explicação correspondente à realidade, muito peculiar da mentalidade religiosa. Enfim, confundir a unanimidade de opiniões com a certeza é uma prática comum entre os religiosos precipitados.

No caso do *Testimonium Flavianum* (o Testemunho de Flávio Josefo) o qual analisaremos mais adiante, as conclusões sobre o problema da sua autenticidade ou não (total ou parcial) são tão dúbias que Fernando Bermejo-Rubio falou das "mais diversas hipóteses que foram apresentadas e de uma situação conflitante que ainda não foi resolvida" e do "fato perturbador de que as evidências podem frequentemente serem argumentadas *in utramque partem* (em favor de qualquer lado)". E chamou o problema do *Testimonium Flavianum* de *vexata quaestio* - questão controversa (Bermejo-Rubio, 2014: 327). Às vezes a dubiedade é tanta que um autor repete as palavras hipótese, conjectural, provável, hipotético, certeza não é possível e outros termos de incerteza várias vezes em uma curta extensão de apenas duas páginas (ver: Van Voorst, 2000: 98-9). A questão é tão controversa que Louis H.

Fieldman relacionou e analisou cerca de oitenta estudos que discutem o problema da autenticidade apenas de 1937 a 1980 (Fieldman,1984: 679-703), e de lá para cá a discussão não parou.

Concluindo, a rigor, unanimidade apenas aumenta o grau de possibilidade, ou seja, ideias mais unânimes têm apenas mais probabilidades de corresponder à realidade, mas não significam que sejam certezas. Elas sobem na escala das possibilidades, mas não eliminam todas as improbabilidades, tal como a certeza irreversível. Por mais que uma opinião seja unânime, ela continua sendo uma crença sujeita à correção ou à contestação. A certeza é diferente da crença e da opinião, aquela só é alcançada quando todas as possibilidades de controvérsias são eliminadas, enquanto a crença e a opinião ainda deixam possibilidades de controvérsias.

Assunto Muito Importante, mas com Poucas Fontes de Dados

Alguns personagens e fatos do passado alcançaram tamanha importância no futuro sem a previsão dos autores contemporâneos aos eventos. Isto é, os autores registravam os fatos sem imaginar a importância que os mesmos alcançariam nos séculos seguintes, por isso os registraram de forma superficial, imprecisa, displicente, catequética e fictícia, registros que não puderam depois ser reconhecidos como

documentos históricos. Um exemplo é o conjunto dos primeiros documentos cristãos, os primeiros seguidores que escreveram sobre Jesus e os primeiros cristãos não previam a importância que o Cristianismo alcançaria no futuro, portanto escreveram com vagueza sem o cuidadoso registro documentário, o que tem pouco valor para a pesquisa histórica atual.

Os mais antigos registros cristãos são as cartas do apóstolo Paulo, escritas em cerca de 60 e.c. O mais antigo evangelho, o de Marcos, foi escrito nos anos 70 e.c., os outros três (Mateus, Lucas e João), cerca de 100 a 110 e.c. Não sobreviveram os manuscritos autógrafos destas composições, o que sobreviveram foram cópias manuscritas dos séculos seguintes. Portanto, não sabemos o tanto que foi alterado e o tanto que foi preservado durante o processo de reprodução manuscrita até os mais antigos códices sobreviventes, os quais são dos séculos IV e V e.c. Ademais, a partir do momento em que o Cristianismo alcançou importância religiosa, o processo de alteração doutrinária da mensagem cristã nos manuscritos se intensificou, em função da necessidade de aumentar a propaganda ortodoxa e combater as ideias heterodoxas.

Então, quando algo alcança uma enorme importância, por exemplo: o Cristianismo, a religião com o maior número de seguidores, porém os dados contemporâneos sobre Jesus e sobre os primeiros cristãos são escassos, o que se constrói

é uma enormidade de especulações e de teorias hipotéticas, na tentativa de preencher a escassez de dados históricos. Nesta literatura cristã de especulações e de hipóteses, as palavras dúbias muito encontradas são: talvez, segundo muitos, pode ser, é consenso, quiçá, conforme a maioria, possivelmente, deve ser, poderíamos dizer que, etc. Já se especulou tanto sobre Jesus e sobre o Cristianismo inicial, que a quantidade de livros escritos sobre o assunto alcançaria o tamanho de uma montanha. Em suma, a regra é a seguinte: quanto menos dados, mais especulação, quanto mais dados, menos especulação.

Os comentários e as análises sobre o *Testimonium Flavianum* não são exceções, as redações estão repletas de palavras e frases dúbias, tais como as mencionas no parágrafo anterior, de modo que o que encontramos é apenas fatos mais prováveis e opiniões mais unânimes, e raramente uma certeza. A inexistência do manuscrito autógrafo de Josefo apenas viabilizou o surgimento do caráter especulativo dos estudos.

Flávio Josefo

Seu nome de batismo era *Joseph ben Mattathias* (37 – 100 e. c.), assumiu o nome romano de *Flavius Josephus* após conseguir a cidadania romana, por volta de 71 e.c., ele viveu e trabalhou sob o patrocínio dos imperadores

flavianos Vespasiano, Tito e Domiciano, residindo em um apartamento no palácio. Ele adotou o nome de *Flavius* em honra aos seus patronos flavianos, nome pelo qual ficou conhecido na posteridade. Suas obras foram preservadas e copiadas pelos romanos, depois pelos cristãos após a queda de Roma, de modo que ele foi repudiado pela comunidade judaica, por ter assumido a cidadania romana, por ter aceito o patrocínio dos imperadores romanos e por ter escrito em grego, então, para quase todos os judeus, ele foi um traidor, por isso suas obras não foram preservadas pelos judeus, tampouco comentada, de uma maneira que o seu nome foi ignorado na literatura rabínica. Pois, suas duas principais obras são entendidas como “uma defesa dos romanos e um aconselhamento ao povo judeu para viverem pacificamente sob o poder dos romanos” (Van Voorst, 2000: 82). Mas, ele se considerava um judeu leal.

Suas duas principais obras são: *A Guerra dos Judeus*, a qual narra a revolta judaica de 66-70 e.c., escrita entre os anos 75-80 e.c.; e *A Antiguidade dos Judeus*, escrita nos anos 90 e.c., a qual narra em vinte livros a história do povo judeu desde a criação até a revolta judaica (Whiston, 1857, volumes I e II), é desta última que nos ocuparemos em seguida, pois ela menciona Jesus em duas passagens, XVIII.03.03 (§63-4 – *Testimonium Flavianum*) e XX.09.01 (§200).

Também, os cristãos se interessaram em copiar as obras de Josefo porque elas fornecem informações interessantes aos cristãos sobre importantes personagens do Novo Testamento, tais como Jesus, João Batista (Ant. XVIII.05.02 - §116-9) e Tiago, o irmão de Jesus (Ant. XX.09.01 - §200).

Embora desprezado e repudiado por muitos, mesmo assim alguns judeus perceberam o valor da obra de Josefo, então foi escrito um livro judeu medieval conhecido por *Josippon* (*Sefer Yosippon*), um resumo hebraico de Josefo, no qual este último autor é amplamente citado e usado, atribuído a *Joseph ben Gorion*. Um livro que passou por diversas edições. Robert C. Van Voorst observou a curiosidade de que este livro hebraico “em suas primeiras versões, não menciona Jesus, versões tardias faz breves e negativas menções de Jesus com materiais extraídos do Talmude e do *Toledoth Yeshu*” (Van Voorst, 2000: 83n; para conhecer mais sobre o *Josippon*, consultar: Dönitz, 2012: 953-70 e 2016: 382-9).

O *Testimonium Slavianum*

Antes de tratar do *Testimonium Flavianum*, vamos falar de outras passagens que mencionam Jesus, porém cercadas de fortes acusações de interpolações pelos pesquisadores. Pois, existem algumas passagens em traduções russas e

romenas de *A Guerra dos Judeus*, conhecidas em conjunto por *Testimonium Slavianum* (Testemunho Eslavo), em número de quatro passagens, algumas extensas, onde Jesus é mencionado e elogiado. A intenção de exaltar Jesus é flagrante, bem como o anacronismo, uma vez que estas interpolações procuram solucionar polêmicas que surgiram apenas após a morte de Josefo, apontando para o fato de que foram acréscimos por copistas cristãos durante a Idade Média. Algumas interpolações são longas, por isso não as reproduziremos na íntegra aqui, apenas algumas passagens curiosas. Por serem interpolações, estas passagens não são testemunhos na realidade, o nome *Testimonium* foi dado por aqueles que acreditam nas autenticidades das mesmas.

As passagens interpoladas em *A Guerra dos Judeus* denominadas inescrupulosamente por *Testimonium Slavianum* são: II.09.02 (§ 169), V.05.02 (§ 195), V.05.04 (§ 214) e VI.05.04 (§313). O início da primeira passagem, II.09.02, é uma reprodução do *Testimonium Flavianum* com acréscimos elogiosos a Jesus, ao ponto de afirmar que ele foi um realizador de milagres tão fabuloso que não precisava usar as suas mãos, somente a palavra. No final do parágrafo, é dito que Pilatos inocentou Jesus em seu veredito, declarando que “ele (Jesus) é um benfeitor, ele não é um criminoso, não é um rebelde e não busca por reinado algum”. Então, Pilatos o libertou, pois ele

tinha curado a sua esposa quando ela estava morrendo (Mateus, 27:19), o que causou a ira dos sacerdotes judeus. Então estes últimos deram dinheiro para Pilatos para poderem matar Jesus. Ele aceitou o dinheiro e entregou Jesus aos judeus que, em seguida, o crucificam (Van Voorst, 2000: 86). Esta história é desconhecida nos evangelhos canônicos e se assemelha em parte com o relato inicial no apócrifo *Evangelho de Nicodemos*, também conhecido por *Atos de Pilatos* (Ehrman, 2011: 425s), provavelmente uma interpolação tardia que procurava inocentar Pilatos e acusar, cada vez mais, os judeus pela morte de Jesus. Enfim, esta interpolação é tão divergente que chega ao ponto de contradizer os próprios evangelhos canônicos, afirmando que foram os judeus que crucificaram Jesus, e não os romanos. Entretanto, sabemos que os judeus não crucificavam os seus criminosos, a crucificação era uma prática romana.

Na próxima passagem, V.05.02 (§ 195), é mencionada a presença de uma inscrição, dependurada no interior do templo, com a seguinte redação: “Jesus, um rei que nunca reinou, foi crucificado pelos judeus porque previu a destruição da cidade e a desolação do templo” (Van Voorst, 2000: 87). Mais uma tentativa de culpar os judeus pela morte de Jesus, bem como, confirmar que Jesus era mesmo um profeta, ao prever a destruição do tempo, a qual aconteceu

em 70 e.c. Os evangelhos canônicos não mencionam esta inscrição.

A outra passagem, V.05.04 (§ 214), tenta solucionar a antiga polêmica sobre a ressurreição ou, muito pelo contrário, sobre o roubo do corpo de Jesus na tumba após a sua morte, justificando que "não era possível roubá-lo, porque eles tinham colocado guardas em volta da sua tumba – trinta romanos e mil judeus" (Van Voorst, 2000: 87). A tentativa foi inventar um argumento exagerado (trinta romanos e mil judeus) para desacreditar a possibilidade do roubo do corpo de Jesus após a sua morte e, com isso, justificar o fenômeno da ressurreição. Estes vigilantes não são mencionados nos evangelhos canônicos.

Estas passagens não aparecem nos manuscritos gregos de *A Guerra dos Judeus*, tampouco nas traduções latinas e para as línguas contemporâneas (ver: Whiston, 1857: vol. II, 216, 328, 329 e 369 e Meier, 1991, vol. I, 62), portanto, somente nas traduções russas e romenas, atestando que são interpolações de copistas cristãos da Igreja Ortodoxa durante a Idade Média. A opinião da quase totalidade dos pesquisadores é a de que estas passagens não são autênticas.

O *Testimonium Flavianum* como Prova ou Não da Historicidade de Jesus

O trecho da obra *A Antiguidade dos Judeus*, XVIII.03.03 (§63-4), recebeu o nome de

Testemunho de Flávio Josefo pelo motivo dos cristãos o considerarem uma prova (testemunho) da historicidade de Jesus, a partir de uma fonte de fora do Cristianismo, portanto neutra, mais próxima da vida de Jesus, isto é, anos 90 e.c., se a passagem for autêntica, juntamente com outra passagem em XX.09.01, da mesma obra, na qual Jesus é mencionado brevemente assim: "... o irmão de Jesus, chamado Cristo, cujo nome era Tiago..." (Whiston, 1857: vol. II, 135), então a historicidade de Jesus está confirmada por Josefo. Esta última passagem não é tão polêmica, pois a maioria dos estudiosos entende que é autentica, ou seja, não é uma interpolação cristã, enquanto que a passagem XVIII.63-4, conhecida por *Testimonium Flavianum*, é calorosamente e infindavelmente discutida, tal como veremos em seguida.

Jesus era um nome muito comum naquela época. O motivo para que Jesus seja mencionado como Ιησοϋ του λεγομένου Χρίστου – *Iesoú tou legoménou Chrístou* "Jesus, chamado o Cristo" em *A Antiguidade dos Judeus* XX.09.01 não é elogioso, mas sim a necessidade de Josefo de diferenciar os vários Jesuses mencionados na obra, são pelo menos uns quatorze: Jesus, o filho de *Sapphias*; Jesus, o filho de *Gamala*; Jesus, o governador; Jesus, o irmão de João; Jesus, o irmão de *Onias*; Jesus o filho de *Phabet;* Jesus, o filho de *Sie*; Jesus, o filho de *Damneus* (mencionado no parágrafo seguinte – XX.09.02);

Jesus, o filho de *Gamaliel*; Jesus, o filho de *Josadek* e outros (Whiston, 1857: *passim*). Alguns pesquisadores apontam as menções de vinte Jesuses em *A Antiguidade dos Judeus*. Portanto, a especificação “Jesus, chamado Cristo” não é uma interpolação elogiosa acrescentada posteriormente por cristãos, a fim de exaltar Jesus, tal como observam alguns autores, mas sim um modo de diferenciar os tantos personagens com o nome de Jesus na obra.

Das obras antigas que sobreviveram à destruição pelos cristãos na Antiguidade e na Idade Média, não encontramos obras que desconfiam da historicidade de Jesus ou polemizam a questão. Então, o que parece hoje é que o assunto não era tratado ou discutido na Antiguidade, ou seja, ninguém desconfiava da historicidade de Jesus nos anos que sucederam à sua vida. As divergências no início foram quanto aos relatos de sua vida e à natureza dos seus ensinamentos, por isso já foram encontrados cerca de cinquenta evangelhos diferentes, na íntegra ou em fragmentos (Robinson, 1990 e Ehrman, 2011). Em seguida, a desconfiança sobre a historicidade de Jesus permaneceu intocada por muitos séculos, até surgirem as primeiras discussões no século XVI e seguintes. No século XX, o assunto esquentou e então surgiram projetos tais como *Em Busca do Jesus Histórico*. Alguns contestadores da historicidade de Jesus ficaram conhecidos: George Albert Wells, Earl

Doherty e Robert M. Price são alguns deles. Para conhecer um estudo recente sobre o debate da historicidade de Jesus, uma obra abrangente e recomendada é: *Did Jesus Exist? The Historical Argument for Jesus of Nazareth* (Jesus Existiu? O Argumento Histórico em Favor de Jesus de Nazaré), de Bart D. Ehrman, um autor que defende a historicidade. Nesta obra, ele revisa os principais argumentos dos autores contrários, os quais ele denomina de "miticistas", ou seja, aqueles que defendem que o relato de Jesus é um mito, para então apresentar os seus argumentos a favor da historicidade (Ehrman, 2012).

Nesta discussão sobre a historicidade de Jesus, o parágrafo *Testimonium Flavianum* foi talvez a prova mais utilizada a favor da historicidade, por isso aparece em quase todas as obras que discutem a questão, por tratar da menção a Jesus mais próxima da sua vida, isto é, anos 90 e.c., bem como por ter sido escrito por um autor de fora do Cristianismo (Josefo era judeu). De modo que os cristãos defendem a autenticidade do parágrafo, enquanto os miticistas argumentam que o parágrafo é uma interpolação por mãos cristãs. Enfim, o *Testimonium Flavianum* teve, e ainda tem, um papel central na discussão sobre a historicidade de Jesus.

Resumindo de uma maneira muito condensada, quando analisamos os argumentos a favor e os argumentos contra a historicidade de Jesus, o pendor parece se inclinar mais para o

argumento a favor, ou seja, é mais provável que Jesus tenha existido do que não tenha existido. Esta é a opinião da maioria dos historiadores. Agora, a questão intrigante é saber o que é história e o que é ficção nos relatos da sua vida e dos seus ditos, isto é, separar o Jesus histórico do Jesus mitológico, este é o grande desafio a ser superado.

O *Testimonium Flavianum*

Esta polêmica passagem (parágrafo) em *A Antiguidade dos Judeus* XVIII.03.03 (§ 63-4) é mais comumente traduzida assim (*Textus Receptus*):

> Por volta desta época, viveu Jesus (Ἰησοῦς-*Yesous*), um homem sábio, se na verdade é correto chamá-lo um homem. Pois, ele foi um autor de atos impressionantes e foi um mestre do povo que aceita a verdade com prazer. Ele converteu ambos muitos judeus e muitos gregos. Ele foi o Cristo (Χριστός). Pilatos, quando soube dele, acusado pelos principais homens entre nós, o condenou à cruz, mas aqueles que o tinham amado no início não cessaram de amá-lo. Pois, no terceiro dia, ele apareceu a eles vivo novamente, porque os profetas divinos tinham profetizado estas e outras milhares

> de coisas sobre ele. Até hoje, a tribo de cristãos denominada a partir dele não desapareceu” (Whiston, 1857, vol. II, 70; Meier, 1991: 60; Van Voorst, 2000: 84-5; Mason, 2003: 226-7 e uma tradução mais literal em Hopper, 2014: 149-50).

O estudo deste parágrafo coloca um dos mais antigos e mais difíceis problemas na pesquisa histórica sobre as origens cristãs. O primeiro e crucial problema é que não foi preservado o manuscrito autógrafo de Josefo, portanto, dos manuscritos sobreviventes de *A Antiguidade dos Judeus*, correspondente aos livros IX a XX, o mais antigo é do século IX ou X, conhecido por *Codex Palatinus* – *Vaticanus* – *Graecus* 14, em pergaminho, na Biblioteca do Vaticano em Roma[1] (para mais detalhes, consultar: Leoni, 2014: 311-4). Então, não é possível saber o tanto que foi alterado, omitido ou preservado no processo de reprodução manuscrita desde o primeiro século até os mais antigos dos manuscritos sobreviventes, de maneira que a Crítica Textual não poderá ser de auxílio neste caso. Este é um ponto que pesa muito a favor daqueles que pesam que este parágrafo é *in totum*

---

[1] Os códices de *A Antiguidade dos Judeus* estão divididos em duas décadas; os códices dos livros I ao X e os códices dos livros XI ao XX. O códex mais antigo da primeira década (I ao X) é do século XI e da segunda década (XI ao XX), o códex mais antigo é do século IX ou X (Leoni, 2014: 311-4). .

uma interpolação, ou que ele existiu originalmente, mas foi intercalado com acréscimos de elogios por copistas cristãos.

O argumento mais forte em favor da total interpolação desta passagem, ou seja, de que ela não existia nos primeiros manuscritos, ou de que ela existia, mas reproduzia uma avaliação negativa de Jesus e do Cristianismo, é o seguinte. “A passagem aparece em todos os manuscritos (sobreviventes), mas um considerável número de escritores cristãos: Pseudo-Justino e Teófilo no segundo século, Minucio Felix, Irineu, Clemente de Alexandria, Júlio Africano, Tertuliano, Hipólito e Orígenes no terceiro século, Metodio e Pseudo-Eustácio no início do quarto século, os quais conheciam Josefo e citaram suas obras, não mencionam esta passagem, embora alguém imaginaria que esta passagem seria a primeira que um apologista cristão citaria. Em particular Orígenes (*Contra Celsum*, 1.47 e no *Comentário de Mateus* 10.17), quem certamente conhecia o livro XVIII de *A Antiguidade dos Judeus* e cita cinco passagens dele, explicitamente afirma que Josefo não acreditava em Jesus como Cristo. O primeiro a citar o *Testimonium Flavianum* é Eusébio (c. 324 e.c.), e mesmo depois dele, nós podemos notar, existem onze escritores cristãos que citam Josefo, mas não citam o *Testimonium*. De fato, não é até Jerônimo, no século V, que nós encontramos outra referência ao *Testimonium*”

(Hooper, 2014: 151; para mais detalhes, ver: Mason, 2003: 229-31).

Ora, se Orígenes (185-254 e.c.) afirmou que Josefo não acreditava que Jesus era o Cristo, então, segundo aqueles que desconfiam da originalidade deste parágrafo, a frase “Ele foi o Cristo” (ó Χριστός ούτος ήν – *ó Christós oútos én*), não existia nos primeiros manuscritos, ou tinha outra redação, talvez hostil a Jesus, portanto foi interpolada depois, juntamente com outros acréscimos laudatórios. O fato de tantos dentre os primeiros escritores cristãos, ávidos por menções elogiosas ao Cristianismo fora da tradição cristã, não citarem esta passagem é realmente intrigante. A explicação daqueles que suspeitam da interpolação é a de que Eusébio foi o primeiro a ter acesso a um manuscrito interpolado, enquanto os autores que escreveram logo depois dele, somente conheciam os manuscritos sem a interpolação, ou desconfiavam da interpolação, por isso preferiram ignorá-la. Isto é, a inserção da interpolação deve ter acontecido aos poucos nos manuscritos, portanto, nos primeiros séculos do Cristianismo, deveriam circular simultaneamente os manuscritos de Josefo que já incluíam a interpolação e os que ainda não a incluíam, por isso, a partir do século IV e.c., alguns autores (Eusébio e Jerônimo) mencionaram a passagem interpolada, enquanto outros não. Nos séculos seguintes, com o fortalecimento do Cristianismo na Idade Média, todos os manuscritos que não

possuíam a interpolação foram destruídos, sobrevivendo assim tão somente aqueles interpolados, por isso atualmente temos apenas manuscritos alterados. Já Ken Olsen argumentou que “a hipótese mais provável é que Eusébio, quer compôs o texto todo ou o reescreveu tão completamente que agora é impossível recuperar o Josefo original” (Olsen, 2013: 100 e *passim*; ver também: Mason, 2003: 232). Entretanto, Bart Ehrman, que foi professor de Ken Olsen, discordou: “Há de fato pouco no *Testimonium* que seja mais tipo Eusébio do que Josefo, e grande parte da passagem, na verdade, está redigida como se fosse escrita por Josefo” (Ehrman, 2012: 56-7). Esta é uma hipótese que ainda está em discussão.

Todos os manuscritos das traduções latinas incluem o texto interpolado do *Testimonium* grego (*textus receptus*), os mais antigos são do século VI e.c., portanto mais antigos que o mais antigo manuscrito grego sobrevivente (século IX ou X e.c.). As traduções árabes e sírias foram analisadas por Schlomo Pines e Alice Whealey. Uma curiosidade nestas traduções é que a frase no *textus receptus* grego “ele foi o Cristo” é traduzida por “ele foi talvez o Cristo” na tradução árabe de *Agapius* (bispo de Hierapolis, século X e.c.), e na tradução síria de *Michael o Sírio* (patriarca de Antióquia de 1166 a 1199 e.c.) a frase foi traduzida por “Jesus foi acreditado ser o Messias”. (Whealey, 2008: 573, 580 e 587-8).

Neste mesmo sentido aparece também na tradução latina do *Testimonium* por Jerônimo, traduzida da obra de Eusébio de Cesareia (Mason, 2003: 230). Na passagem do *Testimonium* grego “no terceiro dia, ele (Jesus) apareceu a eles (discípulos) vivo novamente...”, redigida com convicção sobre a ressurreição por Josefo, a mesma passagem é traduzida com menor convicção de Josefo, na tradução árabe de *Agapius*, pois é traduzida como um relato dos discípulos e não como uma certeza de Josefo: “Eles (os discípulos) relataram que ele (Jesus) tinha aparecido a eles três dias após a crucificação e que ele estava vivo...” (Whealey, 2008: 574 e *passim*).

As Três Hipóteses quanto à Autenticidade ou Não do *Testimonium Flavianum*

1ª hipótese: A passagem é completamente autêntica
2ª hipótese: A passagem é completamente inautêntica
3ª hipótese: A passagem é parcialmente autêntica e parcialmente inautêntica.[2]

---

[2] John P. Meier dividiu em quatro opiniões, a terceira hipótese acima (parcialmente autêntica e parcialmente inautêntica) ele repartiu em duas opiniões: uma com muitas interpolações e outra com dois ou três acréscimos apenas (Meier, 1991: vol. I, 59s).

A maioria dos estudiosos hoje entende que a terceira hipótese é a mais provável, apenas um pequeno número defende a primeira hipótese, enquanto que os miticistas pregam que a segunda hipótese é a correta, uma vez que a história de Jesus é um mito, portanto foram os sacerdotes cristãos que acrescentaram o parágrafo a fim de estabelecerem a historicidade de Jesus. Analisaremos em seguida cada uma delas.

1ª) A Hipótese de que a Passagem é Completamente Autêntica

Analisaremos aqui apenas alguns dos argumentos mais utilizados pelos defensores da autenticidade. Eles argumentam que a frase elogiosa "um homem sábio" (σοφός άνήρ – *sophós ánér*), logo no início do parágrafo, não corresponde a uma linguagem cristã, por isso não pode ser uma interpolação, mas sim da autoria de Josefo, pois combina com o seu estilo, uma vez que este último faz os mesmos elogios a Salomão (Ant. VIII.02.07 - § 53) e a Daniel (Ant. X.11.02 - § 237), bem como chama João Batista de "um bom homem" (Ant. XVIII.05.02 - § 116).[3] Os defensores deste argumento entendem que um cristão não chamaria Jesus de "um homem sábio", pois trata-se de um elogio pequeno para Jesus, o mais

[3] Se este elogio não for mais uma interpolação cristã.

provável seria chamá-lo de “o Filho de Deus” ou de “o Salvador”.

O que será explicado em seguida não serve apenas para este argumento, mas para muitos argumentos de outros autores, cujas referências para analisar o significado do Cristianismo e a linguagem cristã são baseadas apenas nos evangelhos canônicos. Obviamente, quem lê estes últimos percebe claramente que neles Jesus é muito mais um salvador ou um milagreiro do que um “homem sábio”. Entretanto, isto não é assim em todos os evangelhos. Em alguns evangelhos gnósticos, Jesus é mais um sábio do que um milagreiro ou um salvador, sobretudo no Evangelho de Tomé, cujo conteúdo é formado apenas de ensinamentos de Jesus (Robinson, 1990: 124-38 e Ehrman, 2011: 303-49). Estas interpretações podem ter circulado oralmente durante muito tempo antes das suas composições escritas (Van Voorst, 2000: 102).

Antes, é preciso lembrar que Flavio Josefo publicou *A Antiguidade dos Judeus* nos primeiros anos da década de 90 e.c., portanto, alguns dos evangelhos, que depois se tornariam canônicos, tinham sido recém compostos (entre 60 e 110 e.c., segundo as sugestões mais aceitas atualmente), e não temos evidência se tinham a mesma redação e o mesmo conteúdo, bem como o mesmo estilo e o mesmo refinamento, tal como a redação dos evangelhos atuais. Josefo não citou as fontes de onde retirou as informações sobre Jesus e sobre o

Cristianismo. Ademais, os manuscritos cristãos naquela época, certamente eram muitos poucos, uma vez que entre os primeiros cristãos, poucos eram alfabetizados. De maneira que, muito provavelmente, as informações sobre Jesus e o Cristianismo foram obtidas através de informações orais, em um tempo quando as primeiras seitas cristãs seguiam evangelhos de distintas procedências. As divisões sectárias não estavam ainda rigorosamente consolidadas, os ensinamentos eram, na maioria, transmitidos oralmente, através de pregações, onde interpretações e linguagens de diferentes correntes, que mais tarde se tornariam rivais, se misturavam em uma só pregação.

Incerto sobre sua posição, Robert E. Van Voorst supôs que "a hipótese mais plausível é que Josefo obteve seu conhecimento do Cristianismo quando viveu na Palestina. (...) Quer Josefo adquiriu suas informações através de encontros diretos com cristãos, através de informações indiretas de outros sobre o movimento cristão, ou alguma combinação de ambas, nós não podemos dizer. John Meier está correto em concluir que nenhuma destas fontes potenciais é verificável, mesmo assim a evidência aponta para a última opção como a mais recomendável" (Van Voorst, 2000: 103).

Portanto, não é confiável utilizar apenas os evangelhos canônicos como fonte para analisar as ideias que Josefo tinha de Jesus e do

Cristianismo. Ele viveu em uma época quando o processo de canonização de doutrinas e de ritos não estava ainda desenvolvido nas respectivas seitas cristãs. Se ele obteve oralmente, pode ter sido de cristãos que misturavam pregações de diferentes fontes. Bart D. Ehrman observou: “Não há nada que sugere que Josefo tinha realmente lido os Evangelhos (ele quase certamente não leu), ou que ele realizou qualquer espécie de pesquisa primária sobre a vida de Jesus, examinando os registros romanos (não existia qualquer registro) ...“ e “... existiam histórias sobre Jesus circulando pela Palestina por volta do primeiro século e muito antes” (Ehrman, 2012: 57-8). Também, os evangelhos canônicos, tal como estão hoje, passaram por incontáveis revisões, correções, refinamentos e edições, por isso não podem ter exatamente a mesma redação, a mesma estilística, o mesmo refinamento e o mesmo conteúdo que as primeiras composições da época de Josefo. Enfim, os evangelhos canônicos como base de referência para analisar o conteúdo e o estilo de linguagem cristã daquela época, por estudiosos atuais, são exemplos improváveis de confiabilidade (exemplos: Meier, 1991: vol. I, 60-9 e *passim* e Van Voorst, 2000: 102).

Um curioso exemplo de como os evangelhos canônicos devem ter sido alterados em sua redação, está nas diferenças redacionais quando comparados os milhares de manuscritos.

Os críticos textuais apontam a existência de milhares de diferenças textuais. Outra curiosa diferença, a qual confirma a evolução do estilo e do refinamento linguísticos da redação refinada encontrada nos atuais Evangelhos Canônicos, está na comparação com a redação simplista e mais grosseira dos Evangelhos Apócrifos, os quais não passaram pelas revisões e pelos toques de refinamento na redação, durante o longo processo de reprodução manuscrita, desde a Antiguidade até a Idade Contemporânea, tal como foi possível para os manuscritos canônicos. Por exemplo, os manuscritos da Biblioteca de *Nag Hammadi* ficaram soterrados por cerca de quinze séculos, portanto não sofreram revisões e refinamentos na redação, cuja descoberta aconteceu em 1945. Então, quando comparamos os estilos de linguagem de ambas as coleções, notamos claramente a diferença da rispidez da linguagem dos textos gnósticos com o refinamento da linguagem dos textos canônicos. Este refinamento é ainda aumentado quando os textos canônicos são traduzidos para as línguas contemporâneas, muitas vezes para encobrir problemas redacionais nas línguas originais (hebraico, grego e latim), ou significados politicamente inconvenientes para as igrejas.

Outra polêmica frase elogiosa argumentada a favor da autenticidade, pelos defensores da originalidade do *Testimonium*, é a que afirma que Jesus foi “um autor de atos impressionantes”

(παραδόξων έργων ποιητής – *paradóxon érgon poietés*), não deve ser uma interpolação, pois parece uma afirmação de alguém de fora do Cristianismo. A alegação é de que Jesus era conhecido como um "autor de atos impressionantes", por isso a reprodução da sua reputação aqui. Entretanto, trata-se de uma frase com tradução estranha, uma vez que a palavra *poietés* (ποιητής) significa também "poeta" e a palavra *paradóxon* significa também "estranhos" ou "paradoxais". Ken Olsen alegou que a combinação das palavras gregas ποιέω - *poiéo* (poeta) e παράδοξος – *paradoxos,* para significar "autor de atos impressionantes", é extremamente comum nas obras de Eusébio de Cesareia, pois ocorre mais de cem vezes. Também, Josefo não usa esta combinação de palavras em outras passagens de suas obras, tampouco a palavra *poietés* no sentido de "autor" ou "realizador", ao invés do sentido de "poeta" (Olsen, 2013: 103). Steve Mason argumentou que Josefo usou a palavra ποιητής (*poietés*) no sentido de poeta nove vezes em outras passagens, inclusive para se referir a Homero, por isso o seu uso não é característico de Josefo (Mason, 2003: 231).

Enquanto a frase "um mestre de pessoas que aceitam a verdade com prazer" (διδάσκαλος άνθρώπων των ήδονη τάληθή δεχομένων – *didáskalos anthrópon ton edoné tálethe dexoménon*) é muito estranha para que seja uma interpolação por um cristão. Os autores cristãos

evitam a palavra “prazer” (ηδονή - *edoné*), portanto é difícil imaginar um cristão usando estas palavras.

A afirmação elogiosa de que Jesus “converteu muitos judeus e muitos gregos”, (πολλούς μεν 'Ιουδαίους, πολλούς δέ καί του Ελληνικού έπηγάγετο - *polloús men Ioudaíous, polloús dé kaí tou Ellenikoú épegágeto*) representa um mal-entendido, uma vez que, tal como sabemos da história, na época de Josefo, o Cristianismo ainda tinha poucos seguidores judeus e gregos. Um cristão dificilmente cometeria tal engano, portanto a frase não pode ser uma interpolação cristã.

E finalmente a palavra “tribo” (φϋλον - *fulon*), para o nome do conjunto de seguidores de Jesus, é muito estranha para que seja da mão de um cristão, só pode ser de alguém de fora do Cristianismo.

Muitos dos autores que defendem a autenticidade completa do *Testimonium* são cristãos, teólogos ou professores de religião em universidades, portanto autores que, em razão de seu *background* religioso, estão acostumados a entender o Novo Testamento como um documento histórico na íntegra, o que para os historiadores não procede. Por isso tomam como referência os textos canônicos do NT para o conhecimento da vida e da cultura cristãs do primeiro século, o que é ainda duvidoso, em razão da ausência de documentos verdadeiramente históricos, que

tratam de Jesus e do início do Cristianismo, que sejam contemporâneos. Enfim, o Novo Testamento não é um documento histórico na totalidade, mais precisamente, um texto religioso que intercala história, ficção, elogio, dramatização e pregação.

2ª) A Hipótese de que a Passagem é Completamente Inautêntica

Além do mais comum argumento para a inautenticidade do *Testimonium*, apontado no fato de que ele não é mencionado pelos autores cristãos antes de Eusébio de Cesareia (século IV e.c.), mesmo todos eles conhecendo a obra e Josefo, outros argumentos contra a originalidade completa são apresentados.

Uma acusação muito comum é a de que o parágrafo do *Testimonium* interrompe uma corrente de temas para depois, no próximo parágrafo, retomar ao tema anterior, ou seja, o *Testimonium* não se encaixa bem no contexto do livro XVIII da obra *A Antiguidade dos Judeus*, enfim, é um parágrafo fora de contexto, pois Josefo está falando de revoltas e tumultos, para então interromper com um parágrafo elogioso a Jesus e ao Cristianismo. Mais especificadamente, o capítulo 03 do livro XVIII trata da revolta dos judeus contra a transferência do exército romano da Cesareia para Jerusalém, trazendo efígies de Cesar em seus estandartes, o que era contra a lei

judaica, cuja exibição de imagens é proibida. Em seguida trata da revolta contra a construção de um duto para trazer água corrente para Jerusalém, com um dinheiro que os judeus consideravam sagrado. Então, em seguida a estes eventos tumultuosos, inclusive com a ocorrência de mortes, o parágrafo do *Testimonium Flavianum* interrompe estes temas para abruptamente introduzir um texto elogioso a Jesus e ao Cristianismo para então, no parágrafo seguinte, retomar o tema sobre outro tumulto que ocorreu no templo de Isis em Roma. Este parágrafo seguinte começa com palavras que assinalam para o sentido que faz com que o parágrafo anterior (o *Testimonium*) pareça uma interpolação: “Aproximadamente na mesma época, também, uma triste calamidade colocou os judeus em desordem... “, ou seja, retoma o tema das calamidades que o parágrafo anterior, o *Testimonium*, interrompeu (Whiston, 1857: vol. II, 69-70 e para análise, ver: Mason, 2003: 227). Enfim, para os defensores da inautenticidade, todo o parágrafo do *Testimonium* é um flagrante de interpolação cristã em virtude do seu caráter interruptivo.

Muito problemática é a frase “se na verdade é correto chamá-lo um homem” (ειγε άνδρα αύτόν λέγειν χρή – *eige andra aútón légein chré*), ela é muito elogiosa para que seja da autoria de Josefo. A intenção do interpolador foi advertir que Jesus foi mais que um homem.

Também, muito suspeita é a longa frase: “no terceiro dia, ele apareceu a eles vivo novamente, porque os profetas divinos tinham profetizado estas e outras milhares de coisas sobre ele”, a mensagem parece mais uma confissão de fé na ressurreição e no papel messiânico de Jesus, por um cristão, do que o relato de um historiador judeu. A frase está repleta de conteúdos particularmente cristãos e soa como uma propaganda.

Ainda mais problemática é a frase “Ele foi o Cristo” (ό Χριστός ούτος ήν – *ó Christós oútos én*), em razão do uso da palavra Cristo (*Christós)*, um adjetivo do grego antigo que, muito provavelmente, não tinha, na época de Josefo, o significado que adquiriu a partir do crescimento do Cristianismo. Antes da apropriação da palavra pelos cristãos, ela significava para os gregos “raspado”, “lustrado” ou “molhado”, “espargido”, pois deriva do verbo χρΐω (*chrío*), que significa “raspar”, “lustrar”, somente mais tarde, com a influência do Cristianismo, adquiriu o significado de “ungir”.[4] Portanto, Josefo não poderia ter usado a palavra grega *Christós*, uma vez que o leitor grego não a entenderia no sentido de Messias (o Ungido), traduzida da palavra hebraica *mashiach* (ungido, consagrado), ou seja, ela teria um significado especial apenas para o público judeu. Na

[4] Em Sânscrito, a palavra para ungido é घृत (*ghrta*), derivada da raiz verbal घृ (*ghr*) “ungir”.

comunidade judaica, esta palavra era muito significativa, uma vez que a unção era o meio pelo qual os reis e os altos sacerdotes eram oficializados em seus cargos. O ato de verter óleo sobre suas cabeças representava a apropriação da autoridade dada por Deus (Êxodo, 29.07 e I Samuel, 10.01). Portanto, para o leitor grego, que não conhecia a tradição judaica, a frase “ele foi o Cristo” seria entendida como “ele foi o molhado”, ou “ele foi o espargido”, ou “ele foi o lustrado”, visto que a palavra grega antiga *Christós* (Cristo) não era ainda conhecida como um nome próprio no mundo grego na época de Josefo. Então, se Josefo tivesse usado a palavra Cristo, ele teria de explicar para o leitor grego o que ela significava no mundo judeu, mas não o fez, por isso a suspeita de que esta frase seja uma interpolação cristã.

Outro problema com a frase “Ele foi o Cristo” é que ela soa fortemente como uma confissão de fé pessoal de Josefo quem, ao contrário, não era cristão, senão judeu. Do jeito que a afirmação está, significa que Josefo confessou que ele acreditava que Jesus era o Messias, o que não seria dito por um judeu. Já mencionamos acima que, em algumas traduções para o latim, para o árabe e para o sírio, esta frase foi traduzida de modo a eximir a confissão de fé, tais como: “Ele foi talvez o Cristo” (tradução árabe) ou “Ele foi acreditado ser o Cristo” (tradução síria de *Michael o Sírio* e a latina de Jerônimo). Enfim, somente um cristão proclamaria uma frase desta

maneira. Ademais, se esta frase estivesse presente no manuscrito autógrafo (século I e.c.), certamente os primeiros cristãos que citaram Josefo, ávidos por elogios a Jesus, a teriam utilizado como um trunfo a mais para consolidar Jesus como o Cristo, sobretudo por originar da boca de um judeu.

Como já mencionada, a inexistência desta frase nos primeiros manuscritos é confirmada pelas claras declarações do heresiologista Orígenes (século III e.c.) de que Josefo "não aceitava que nosso Jesus é o Cristo" (*Comentário de Mateus* 10:17). Da mesma maneira, na sua obra *Contra Celso* (01.47), ele lamentou que Josefo "não acreditava em Jesus como o Cristo". Orígenes conhecia as obras de Josefo muito bem, pois ele citou detalhadamente os livros *Guerra dos Judeus*, *A Antiguidade dos Judeus* e *Contra Apion* (Mason, 2003: 229). Evidentemente, a cópia que Orígenes tinha de *A Antiguidade dos Judeus,* diante dos seus olhos, não tinha esta frase ou não tinha o *Testimonium* todo.

O primeiro autor a citar o *Testimonium* foi Eusébio da Cesareia (século IV e.c.). No primeiro volume da sua obra *História Eclesiástica*, Eusébio cita Josefo muitas vezes como uma testemunha independente das declarações dos Evangelhos sobre Jesus, João Batista e os eventos políticos da época. Diferentemente dos autores anteriores, Eusébio citou o *Testimonium* exatamente tal como aparece nos atuais manuscritos gregos do

Testimonium (*História Eclesiástica* 1.11). Outra obra de Eusébio, a *Teofania*, a qual sobreviveu apenas na versão síria, também inclui uma "Testemunha a Jesus de Josefo". Entretanto, curiosamente, uma terceira obra inclui o *Testimonium*, porém com variações na linguagem (*Demonstração do Evangelho* 3.05.105-6). Estas variações parecem indicar que, mesmo na época de Eusébio (século IV e.c.), a redação do *Testimonium* não estava ainda uniformemente fixada. Também, Eusébio colocou o *Testimonium* depois da discussão de Josefo sobre João Batista, sendo que, na ordem que encontramos nos atuais manuscritos gregos, a ordem é o contrário, isto é, primeiro o *Testimonium* (XVIII. 03.03 - § 63-4) e depois a discussão sobre João Batista (XVIII.05.02 - § 116-9 - Mason, 2003: 230 e Van Voorst, 2000: 97).

Outra suspeita da inautenticidade é o fato de que as traduções latinas, a tradução árabe de *Agapius* e a tradução síria de Michael não coincidem exatamente com o conteúdo dos atuais manuscritos gregos do *Testimonium*. Steve Mason observou: "Parece provável, entretanto, que as versões das afirmações de Josefo por Jerônimo, por Agapius e por Michael refletem tradições textuais alternativas de Josefo, as quais não tinham as afirmações enfáticas que nós encontramos nos manuscritos (medievais) padrões de *A Antiguidade dos Judeus* ou nas obras de Eusébio" (Mason, 2003: 231).

Os defensores desta hipótese alegam que o motivo da interpolação completa do *Testimonium Flavianum,* na obra *A Antiguidade dos Judeus* por copistas cristãos, está no fato de que, movidos pelo forte orgulho pelo Cristianismo, não suportaram a curta e insignificante menção de Jesus como apenas o irmão de Tiago, no livro XX, nesta extensa e imponente obra de Josefo. Ou seja, sentiram que Jesus fora desprezado na história dos judeus. Também, o fato de João Batista ser tratado em uma passagem relativamente extensa (XVIII.05.02 - § 116-9)[5] e Jesus apenas mencionado brevemente, deixando a ideia de que João Batista foi mais importante que Jesus na história Judaica. Então, foram levados a criar um parágrafo interpolador que relatasse sobre Jesus elogiosamente, bem no trecho que trata do mandato de Pilatos (livro XVIII), daí um parágrafo elogioso foi interpolado (§ 63-4), mesmo que através de uma desajeitada forma interruptiva, tal como vimos antes.

3ª) A Hipótese de que a Passagem é Parcialmente Autêntica e Parcialmente Inautêntica

John P. Meier enumerou três passagens no *Testimonium* que chamam a atenção pelo caráter

---

[5] Também, João Batista é elogiado por Josefo como "um bom homem" (Whiston, 1857: vol. II, 74).

particularmente cristão, por isso são passagens suspeitas de interpolações:

1) "Se na verdade é correto chamá-lo um homem"
2) "Ele foi o Cristo"
3) "No terceiro dia, ele apareceu a eles vivo novamente, porque os profetas divinos tinham profetizado estas e outras milhares de coisas sobre ele" (Meier, 1991: vol. I, 60-1).

Então, quando lemos, sem um exame mais detalhado, a tradução árabe de *Agapius*, ela nos transmite a ideia de que ela elimina ou minimiza os elogios cristãos das três frases acima:

> Nesta época, existiu um homem sábio que foi chamado Jesus. Sua conduta foi boa e ele foi conhecido por ser um homem virtuoso. E muitas pessoas entre os judeus e de outras nações tornaram-se seus discípulos. Pilatos o condenou à cruz para morrer. Mas, aqueles que tinham se tornado seus discípulos não deixaram de segui-lo. Eles relataram que ele tinha aparecido a eles três dias após a crucificação, e que ele estava vivo; consequentemente ele foi talvez o Messias, quanto a quem os profetas têm relatado maravilhas (Mason, 2003: 230).

Para Steve Mason, esta versão árabe elimina todas as dificuldades encontradas no texto

grego do *Testimonium* (*Textus Receptus*), pois esta versão:

a) Se contenta em chamar Jesus de apenas 'um homem sábio'
b) Não menciona os milagres de Jesus
c) A execução de Jesus por Pilatos é discreta
d) A aparição de Jesus após a morte é meramente um relato dos discípulos, e não um fato
e) A surpresa de Josefo sobre Jesus como o Messias
f) A alegação de que os profetas falaram do Messias, qualquer um que possa ser, não que ele seja Jesus.

Ele concluiu que "a versão de *Agapius* do *Testimonium* soa como algo que um observador judeu do final do primeiro século poderia ter escrito sobre Jesus e seus seguidores" (Mason, 2003: 234).

Assim, pareceria que esta versão poderia ser o original de Josefo do *Testimonium*, pois retêm os trechos que poderiam ser autênticos e elimina os trechos suspeitos que seriam inautênticos. Entretanto, para muitos estudiosos isto não é suficiente, uma vez que o debate é muito mais acalorado e bem mais diversificado. Portanto, ao invés disto, a maioria dos pesquisadores sugere uma restauração do texto do *Testimonium* grego. Esta restauração, a qual

alguns autores denominam reconstrução, é dividida em dois modelos:
a) o modelo depreciativo e
b) o modelo neutro.

a) O Modelo Depreciativo

Este é o defendido por autores que acreditam que o que Josefo escreveu originalmente foi uma depreciação de Jesus, por isso os primeiros autores cristãos evitaram mencioná-lo. Um forte argumento dos defensores desta hipótese é o de que este modelo se encaixa mais perfeitamente no contexto do parágrafo 63-4 do livro XVIII, quando Josefo está tratando de revoltas, de tumultos e de calamidades, ao mesmo tempo criticando alguns malfeitores da época. Reproduzimos em seguida a restauração depreciativa segundo a proposta de Robert E. Van Voorst (2000: 94):

> “Agora, surgiu nesta época uma fonte de mais problemas em um tal de Jesus, um homem sábio que executou obras surpreendentes, um mestre de homens que aceitam alegremente coisas estranhas. Ele extraviou muitos judeus e muitos gentios. Ele foi o conhecido Cristo. Quando Pilatos, ao ser informado pelos chefes entre nós, condenou-o à cruz, aqueles que se apegaram a ele no início não deixaram de causar problemas. A tribo dos cristãos, que

> recebeu o nome a partir dele, não está extinta mesmo até hoje".

Robert E. Van Voorst sugeriu que este parágrafo poderia ser interpretado de uma maneira ainda mais depreciativa. Por exemplo: na expressão "homem sábio", Josefo poderia estar tentando dizer "homem esperto, manipulador", também, "obras surpreendentes", poderia significar "obras controversas ou obras que causam perplexidade". A frase "uma fonte de mais problemas em um Jesus" poderia ser interpretada como que Jesus estivesse liderando uma rebelião, uma vez que este parágrafo está inserido no meio de relatos de rebeliões por Josefo. As frases "com prazer" no *Testimonium* grego (*Textus Receptus*) e "coisas estranhas" na restauração depreciativa poderiam significar "com prazer idiota". A última afirmação "até hoje a tribo dos cristãos, denominada segundo ele, não desapareceu", no *Testimonium,* poderia significar o lamento de Josefo pela sobrevivência do Cristianismo até sua época (Idem: 94).

Em razão das semelhanças ortográficas, alguns defensores da hipótese depreciativa sugeriram que os copistas cristãos poderiam ter alterado expressões hostis por expressões elogiosas. Por exemplo, a expressão grega no *Testimonium* σοφός ἀνήρ – *sophós ánér* (um homem sábio) poderia estar no original de Josefo como σοφιστής καί γόης ἀνήρ – *sofistés kai góes*

ánér (um sofista e um enganador). Também, que a palavra grega τάληθή – *táleté*, (coisas verdadeiras) era originalmente τάήθη - *táéte* (coisas incomuns, estranhas), de modo que a frase no *Testimonium* seria assim: “um mestre do povo que aceita as *coisas estranhas* com prazer”. Também, a frase “Ele *converteu* ambos muitos judeus e muitos gregos” poderia ser no original “Ele *extraviou* ambos muitos judeus e muitos gregos” (Idem: 95).

Este modelo depreciativo nos faz lembrar os relatos hostis sobre Jesus pelos judeus nos primeiros séculos do Cristianismo, os quais depois foram registrados no Talmude e na coleção *Sepher Toledoth Yeshu*. Para conhecer as versões hostis da vida de Jesus, consultar Botelho, 2016a e 2016b. Esta é uma posição defendida por um número menor de pesquisadores, a maioria defende a possibilidade de que a restauração neutra seja a original.

b) O Modelo Neutro

Esta é a hipótese apontada pela maioria como a mais provável. A sua superioridade sobre a proposta depreciativa foi veementemente defendida por Robert E. Van Voorst (2000: 95-9). Fernando Bermejo-Rubio contestou cada um dos sete argumentos de R. E. Van Voorst, argumentando que eles não são tão bem fundamentados assim (Bermejo-Rubio, 2014: 331-

65). Na proposta neutra de Robert E. Van Voorst, o original de Josefo seria assim:

> Por volta desta época, viveu Jesus, um homem sábio. Pois ele foi um autor de atos maravilhosos e foi um mestre de pessoas que alegremente aceitam a verdade. Ele converteu ambos, muitos judeus e muitos gregos. Pilatos, quando ouviu falar dele, acusado pelos líderes entre nós, ordenou-o à cruz, (mas) aqueles que tinham o amado no início não cessaram (de fazer assim). Até hoje, a tribo dos cristãos, denominada segundo o nome dele, não desapareceu (Van Voorst, 2000: 93).

Esta restauração é quase literalmente idêntica à proposta neutra de John P. Meier (1991: 61). Do jeito que foi reconstruído este parágrafo, os leitores poderão pensar que ele é mais apologético do que neutro, em virtude de frases exaltadoras tais como: “um homem sábio”, autor de atos maravilhosos”, “um mestre de pessoas que alegremente aceitam a verdade”, “ele converteu muitos judeus e gregos” e “até hoje, a tribo dos cristãos (...) não desapareceu”. R. E. Van Voorst justificou da seguinte maneira: “no fim do primeiro século, os cristãos estavam usando uma linguagem altamente elogiosa sobre Jesus (o Filho de Deus, o Senhor, o Salvador, etc.), pelo menos alguns judeus estavam usando uma linguagem fortemente depreciativa sobre ele (enganador, mago, etc.) e os romanos também estavam

usando epítetos depreciativos tal como “instigador”. Visto diante deste espectro, o *Testimonium* reconstruído parece não comprometido com Jesus. Ele poderia ter sido escrito por um judeu neutro a Jesus, mas não por um cristão ou por um romano” (Van Voorst, 2000: 93-4). O que Van Voorst quis justificar é que, se tivesse sido escrito por um cristão, os elogios seriam bem maiores, e se tivesse sido escrito por um judeu antagônico, estaria carregado de hostilidades. Portanto, para ele, o parágrafo parece um texto neutro.

Bem, a justificativa é apenas provável, uma vez que, como já mencionamos antes, é difícil saber, com exatidão, qual a linguagem empregada por cada seita cristã ou por cada oponente ao Cristianismo naquela época, certamente não existia uma uniformidade de linguagem e de pensamento entre as incipientes seitas cristãs, bem como entre os grupos de oponentes ao Cristianismo emergente. Pois, tentar presumir a natureza exata da linguagem usada por diferentes povos e grupos em distintas línguas sobre Jesus e o Cristianismo, apenas com base na escassa quantidade de textos remanescentes daquela época, é mais um exercício de adivinhação do que a apresentação de uma hipótese. Tomar como referência apenas os poucos remanescentes textos escritos não é suficiente para conhecer com precisão a linguagem em sua diversidade, uma vez que, naquela época, a comunicação era mais

oral do que escrita, em razão do tão grande número de analfabetos, sobretudo entre os cristãos. Assim, Josefo pode ter conhecido sobre Jesus e sobre o Cristianismo mais oralmente do que através de leitura.

O próprio Robert E. Van Voorst reconheceu que ambas restaurações (reconstruções) são hipotéticas, apenas argumentou que a reconstrução neutra tem mais possibilidade de ser a original de Josefo: “Embora certeza não seja possível, mesmo porque ambas as reconstruções permanecem para sempre como hipotéticas, sete razões principais podem ser apresentadas para argumentar que a reconstrução neutra é a melhor explicação desta difícil passagem. Nenhuma delas tem valor conclusivo por si mesmas...” (Van Voorst, 2000: 95). Fernando Bermejo-Rubio contestou cada uma destas sete razões, trataremos de cada uma delas em seguida.

As Sete Razões para a Mais Provável Originalidade da Reconstrução Neutra

1ª Razão: R. E. Van Voorst argumentou inicialmente que a reconstrução neutra “explica porque temos alguma menção de Jesus na obra de Josefo”. Na visão deste autor, se os copistas cristãos tivessem encontrado uma referência depreciativa de Jesus, eles teriam deletado todo o parágrafo, ao invés de apenas remenda-lo, pois sentiriam que todo o parágrafo era um embaraço

para o Cristianismo. De modo que, os copistas estariam mais dispostos a emendar um texto neutro do que um texto depreciativo, por isso acrescentaram elogios no então parágrafo neutro, daí então o *Testimonium* elogioso que temos hoje. Outro argumento é o de que se o original reproduzisse uma visão depreciativa, os cristãos não teriam dado tanta importância às obras de Josefo, com isso não teriam reproduzido tantas cópias manuscritas, sendo que, sabemos que os livros de Josefo foram muito estimados pelos padres (Van Voorst, 2000: 95-6).

Agora, uma curiosidade é o fato de que, se o original fosse um texto depreciativo, por que não temos sequer um único autor da Antiguidade denunciando os insultos? Uma resposta poderia ser a de que todos os textos que apontavam as ofensas foram todos destruídos nos anos seguintes, pela censura da Igreja, quando o texto interpolado do *Testimonium* se tornou universalmente aceito.

Contestação: Fernando Bermejo-Rubio comentou que a razão acima é “uma suposição injustificada”, uma vez que não é possível ter certeza sobre a extensão e o grau da hostilidade mencionados no texto original. Talvez este último não fosse tão hostil, tal como os defensores desta hipótese propõem e, ao mesmo tempo, tampouco tão elogioso como a proposta existente. Também, ele contestou a hipótese de que a reconstrução neutra

“explica porque temos qualquer menção de Jesus na obra Antiguidades” (Bermejo-Rubio, 2014: 331).

Considerando que o original fosse um texto depreciativo, a justificativa para que os cristãos não se livrassem desta obra pode estar no fato de que muitos, naquela época, percebiam em Jesus um rebelde que proclamou alegações messiânicas, inflamou o povo e foi crucificado como um criminoso pelo líder romano. Ou seja, confundiram uma mensagem espiritual com uma mensagem política. Para estes primeiros cristãos, Josefo teria retirado suas opiniões sobre Jesus de fontes que divulgavam uma mensagem cristã mal-entendida. Os insultos sobre Jesus eram o fruto de um mal-entendido. Nas palavras de F. Bermejo-Rubio, os primeiros cristãos “pesavam que a visão de um Jesus rebelde era o resultado da trágica má interpretação de uma mensagem puramente espiritual” (Bermejo-Rubio, 2014: 333), por isso não se importaram tanto em descartar o parágrafo com opiniões depreciativas sobre Jesus, então, ao invés disto, o alteraram com opiniões elogiosas.

Na conclusão deste autor: “Diante desta luz, nós podemos compreender melhor que os leitores e os copistas cristãos não teriam se sentido obrigados a descartar *tout court* a passagem, ainda menos a valiosa obra de Josefo” (idem: 333). Em razão do alto valor da obra de Josefo, os primeiros cristãos acharam mais vantajoso aproveitar a obra de Josefo do que

descartá-la, em virtude das menções, além de Jesus, de João Batista, de Tiago irmão de Jesus e de outros personagens cristãos. Então, por motivo do seu precioso valor histórico, decidiram alterar com elogios o parágrafo que menciona Jesus e, com isso, aproveitar a obra ainda mais como uma propaganda cristã.

2ª Razão: Van Voorst argumentou que o texto da reconstrução neutra flui tão uniformemente quanto a reconstrução depreciativa após a remoção das três frases interpoladas. Também, argumentou que a frase “Ele foi o Cristo” pode ser removida como interpolação, uma vez que a frase final “a tribo dos cristãos denominada segundo seu nome” já identifica Jesus como Cristo, portanto desnecessária a repetição (Van Voorst, 2000: 96).

Contestação: F. Bermejo-Rubio contestou inicialmente alegando que o argumento da fluência não indica a superioridade do texto da reconstrução neutra sobre a reconstrução depreciativa, "ele apenas é tão bom quando o outro” (Bermejo-Rubio, 2014: 333). Este autor argumentou também que a remoção da frase “Ele foi o Cristo” é problemática. Pois se removida esta frase, não apareceria a justificativa para a crucificação. Na descrição de João Batista, Josefo claramente indica os motivos de *Antipas* para a decapitação. Também, defendeu a manutenção da referência a Cristo no texto original, pois ela pode

ser “uma afirmação positiva contestando a crença em Jesus como Messias é a melhor explicação para este fato”. O emprego do verbo no passado ἦν – *én* (foi) na frase ó Χριστός ούτος ήν – *ó Christós oútos én* (Ele foi o Cristo) pode ser uma espécie de *adversarium*, isto é, uma afirmação que, na verdade, pretende afirmar o contrário, algo como: “Ele foi o Cristo”, mas só para os seus seguidores e não para nós, ou “Ele foi o Cristo”, mas não é mais. Este autor concluiu afirmando que “se tem a forte impressão de que Josefo escreveu pelo menos um pouco mais do que o que tem sobrevivido” (Bermejo-Rubio, 2014: 335-6).

3ª Razão: A reconstrução neutra se harmoniza melhor, que a reconstrução depreciativa, com a última referência a Jesus na passagem mais adiante (XX § 200), “Jesus, que é chamado o Cristo”. Esta segunda passagem mencionando Jesus é universalmente reconhecida como autêntica, trata-se de uma passagem com referência discreta e breve sobre Jesus, o suficiente, uma vez que a descrição mais extensa já foi feita anteriormente na passagem do *Testimonium*, XVIII § 63-4 (Van Voorst, 2000: 96-7).

Contestação: O contra-argumento é que, ao estudar a referência a Jesus na passagem XX § 200, os pesquisadores, em razão da forte

admiração por Jesus, do que por qualquer outro personagem, atribuem mais importância à menção de Jesus do que os demais personagens no episódio (Tiago, *Ananus*, *Albinus* e *Agrippa* II). Ou seja, transformam Jesus em um protagonista em uma passagem onde ele é apenas mencionado de passagem. F. Bermejo-Rubio observou: “a referência a Jesus é apenas *en passant* (de passagem), pois o foco do assunto é Tiago e *Ananus*”, e concluiu: “Deve ser óbvio que um escritor poderia ter uma visão depreciativa de uma pessoa sem ter que fazer descrição crítica toda vez que a menciona” (Bermejo-Rubio, 2014: 336-7). A referência του λεγομένου – *tou legoménou* (do conhecido) não nos permite extrair qualquer dedução significativa. Enfim, Josefo não sentiu a necessidade de repetir suas opiniões depreciativas sobre Jesus na passagem XX § 200 de *A Antiguidade dos Judeus*.

4ª Razão: A reconstrução neutra, a qual remove as interpolações pró-cristãs, faz sentido para o fato de os primeiros escritores cristão não a mencionarem. O fato de Orígenes (c. 250 e.c.) não a conhecer e Eusébio, décadas depois, a ter conhecido e a ter citado, fortalece a hipótese de que interpolações ocorreram, talvez em uma época entre Orígenes e Eusébio. Se esta passagem neutra fosse conhecida aos primeiros cristãos, eles não teriam sido inclinados a citá-la, uma vez que ela não forneceria um *testimonium*

(testemunho) para fins apologéticos (Van Voorst: 2000: 97).

Contestação: o fato dos primeiros cristãos não mencionarem o *Testimonium*, embora o conhecendo, é sinal de que ele é inteiramente uma interpolação, e também apontado como alegação de que a passagem original deveria ser a neutra, na medida em que ela não teria sido útil para os propósitos apologistas.

Quanto ao silêncio dos primeiros autores cristãos, temos que considerar que muitas das primeiras obras foram perdidas, portanto não podemos afirmar seguramente que ninguém mencionou o *Testimonium* nos primeiros séculos. Também, tal como Bermejo-Rubio argumentou: “se o texto tivesse sido realmente neutro, é difícil entender porque pelo menos alguns primeiros apologistas não o teriam citado. Mesmo que ele não apoiava as crenças teológicas específicas, os primeiros autores poderiam usar o grande historiador Josefo, um descrente, como uma testemunha independente da sabedoria de Jesus e das práticas de milagres” (Bermejo-Rubio, 2014: 339). Pois, a menção de Jesus como um sábio e um realizador de atos maravilhosos aparece na reconstrução neutra, portanto, se esta fosse a redação original de Josefo, pelo menos estes elogios seriam úteis para os primeiros apologistas os utilizarem como testemunho de que Jesus foi uma pessoa extraordinária. Entretanto, alguns

estudiosos não consideram assim, eles pensam que, naquela época, os primeiros cristãos não admitiam, em razão da forte veneração, que Jesus fosse referido por qualquer título menor que “o Filho de Deus” ou “o Senhor”, por isso ignoraram o *Testimonium*, mesmo se ele tivesse esta redação neutra razoavelmente apologética.

5ª Razão: Esta busca suporte na versão árabe de Agapius do Testimonium, publicada em 1971 por Schlomo Pines, em função da semelhança desta com a restauração neutra. R. E. Van Voorst argumentou que nenhuma das afirmações hostis, presentes na restauração depreciativa, aparecem na versão árabe, reforçando assim a hipótese de que a restauração neutra está mais próxima do original, apesar da datação tardia (século X e.c.) para a publicação da versão árabe e de possíveis influências da rivalidade cristã-muçulmana na tradução árabe (Van Voorst, 2000: 97-8).

Contestação: Segundo aqueles oponentes desta hipótese, tanto a versão árabe como a versão síria de Michael, o Sírio, dependem das crônicas sírias anteriores. Alice Whealey argumentou que ambas as versões, de *Agapius* e de Michael, derivam da tradução síria de Eusébio na *História Eclesiástica*, portanto não podem ser traduções diretas do original grego. Enfim, “se está análise estiver correta, ela lança mais dúvida sobre a alegação de

que a versão de *Agapius* confirma a reconstrução neutra” (Bermejo-Rubio, 2014: 341).

6ª Razão: O suporte desta está na passagem mais adiante no *Ant*. XVIII.05.02 - § 116-9, sobre João Batista, cuja autenticidade é reconhecida por quase todos os estudiosos. O relato de Josefo sobre João Batista é também um tratamento descritivo de um movimento religioso popular com implicações políticas. Josefo descreve João Batista como um bom homem, que atraiu uma larga multidão com seus ensinamentos, tal como Jesus também o fez. João, tal como Jesus, lidera um movimento de reforma dentro do Judaísmo. Também, ambos os líderes foram mortos injustamente, João sob a suspeita de que poderia conduzir uma revolta popular contra Herodes. As diferenças também aparecem, lógico, João Batista não realiza milagres, os romanos não estão envolvidos e Josefo não menciona que seu movimento continua. Então, se Josefo foi capaz de escrever de forma simpática sobre uma figura controvertida como João Batista, indica que poderia também escrever uma descrição neutra sobre Jesus (Van Voorst, 2000: 98).

Contestação: Bermejo-Rubio contestou alegando que “é duvidoso se os relatos de Josefo sobre João e Jesus podem ser considerados como semelhantes” (Bermejo-Rubio, 2014: 342). O relato de João Batista está literariamente e

teologicamente desconectados com a passagem sobre Jesus. Embora ambos atraíram multidões, o retrato por Josefo não revela mais coincidências significativas entre ambos.

Também a frase “ambos os líderes (João e Jesus) foram mortos injustamente”, na verdade, reflete a opinião cristã da execução de Jesus, portanto não é possível assegurar que esta era a opinião de Josefo e dos judeus na época. Ademais, as mortes de ambos foram causadas por circunstâncias diferentes. João Batista foi morto em razão da paranoia de um único líder judeu, Herodes, que temia uma revolta popular; enquanto Jesus foi morto mediante acusações de uma multidão, de muitos líderes judeus e depois executado por Pilatos.

7ª Razão: A reconstrução neutra apresenta vantagens sobre a reconstrução depreciativa em razão da melhor explicação e da melhor simplicidade. Quanto à explicação, ela faz mais sentido do que a reconstrução depreciativa em função da sua mistura de conteúdos autênticos e de conteúdos interpolados, nos quais algumas partes são manifestadamente cristãs e outras partes são manifestadamente josefianas. A reconstrução neutra reconhece a probabilidade de ambas. Ela também explica melhor o prevalecente modo de alterar a redação de um manuscrito por acréscimo e/ou por subtração. Reescrever um texto completamente, tal como sugere a

reconstrução depreciativa, é mais difícil de ter sucesso. Quanto mais literário a redação de um autor, mais difícil será a tentativa de um escriba de imitá-lo.

Quanto à simplicidade, reconstrução neutra atende ao teste da simplicidade. Ela é a mais simples teoria para explicar tudo, ou ao menos a maioria dos fatos. Ela envolve menos conjecturas que a maioria das formas de reconstrução depreciativa.

Para R. E. Van Voorst, a reconstrução depreciativa constrói hipótese sobre hipótese, uma vez que ela acrescenta diversas emendas conjecturais que não têm suporte manuscrito, nenhum suporte nos textos de Josefo e nenhum suporte dos autores cristãos tardios que mencionaram Josefo. E concluiu: “Enquanto a certeza não é possível (...) nós podemos concluir que a reconstrução neutra é mais provável” (Van Voorst, 2000: 98-9).

Contestação: Dizer que a reconstrução neutra explica melhor qual poderia ser a redação original, satisfaz apenas àqueles que acreditam que a passagem realmente existiu. Misturar conteúdos originais e conteúdos interpolados não é justificativa satisfatória, quando não temos muitas pistas de como poderia ter sido a redação original e, o que é ainda mais grave, se o parágrafo de fato existiu. Da mesma maneira que a reconstrução depreciativa constrói hipótese sobre

hipótese, a reconstrução neutra também constrói hipótese sobre hipótese, saber quais das duas hipóteses são mais prováveis é uma questão de conjecturar mais para um lado do que para o outro.

Bermejo-Rubio observou: “as frases que são retiradas acrescentam até 29 palavras. O *Testimonium* consiste de 89 palavras, portanto este procedimento supostamente simples consiste em subtrair a terça parte da passagem toda. É discutível se o método de apagar frases inteiras, ao invés de fazer pequenas mudanças é o procedimento mais simples”. E concluiu: “... um texto neutro talvez seja simples, mas também simples demais para ser verdadeiro” (Bermejo-Rubio, 2014: 344-7).

Um Oceano Infindável de Especulações

Em razão da extensão da polêmica, o estudo acima utilizou apenas os trabalhos mais influentes na atualidade, ou seja, as hipóteses mais citadas e analisadas pelos estudiosos, pois tratar de todas as opiniões, tentativa que no momento, com o infindável aumento no número de especulações sobre o assunto, é uma tarefa impossível. Assim, o *Testimonium Flavianum* permanece, sem previsão de término, como um crescente oceano de hipóteses. Como mencionado no início deste estudo, a certeza sobre o conhecimento do texto original, bem como

se a passagem existiu ou não na obra *A Antiguidade dos Judeus*, só será possível com a descoberta do manuscrito autógrafo de Josefo, até lá, a multiplicação de especulações e de conjecturas continuará a acontecer, pois tudo que for proposto, será simplesmente hipótese.

Quase todos envolvidos no estudo deste assunto são cristãos, judeus, teólogos ou professores de religião, portanto, acostumados com a vagueza e a imprecisão da cultura religiosa, eles se contentam com a validade das hipóteses e da unanimidade de opiniões e, com isso, levam adiante as pesquisas e as análises a partir de dados escassos e dúbios. Instruídos em um ambiente que favorece a formação de uma mentalidade crédula, é curioso perceber como os religiosos são interessados em assuntos hipotéticos e conjecturais, ao ponto de se convencerem com a mera opinião de uma maioria.

O *Testimonium Flavianum* já foi tão mexido e remexido que, se Josefo pudesse estar ouvindo o que já especularam sobre o seu texto, e se cada especulação provocasse uma contorção, ele estaria tão contorcido no seu túmulo, que seu esqueleto estaria irreconhecivelmente danificado. Enfim, o máximo de credibilidade que é possível encontrar nos resultados das pesquisas e das análises nos estudos sobre o *Testimonium*, exceto um muito pequeno número de confirmações, é que algumas hipóteses são mais prováveis e outras menos prováveis. Portanto, enquanto não for

encontrado o manuscrito autógrafo de Josefo, continuarão a se multiplicar, nos estudos sobre o assunto, as palavras: “talvez”, “pode ser”, “provavelmente”, “é possível”, “tenho a impressão”, “quiçá”, “eu penso que”, e outros termos que expressam incertezas.

Referências

BERMEJO-RUBIO, Fernando. *Was the Hypothetical Vorlage of the Testimonium Flavianum a “Neutral” Text? Challenging the Common Wisdom on Antiquitates Judaicae 18.63-64* in *Journal for the Study of Judaism 45*, Leiden: Koninklijke Brill, 2014, p. 326-365.

DOHERTY, Earl. *The Jesus Puzzle: Did Christianity Begin with a Mythical Christ?* Ottawa: Age of Reason Publications, 2005.

DÖNITZ, Saskia. *Historiography Among Byzantine Jews: the Case of Sefer Yosippon* in *Jews in Byzantium: Dialectics of Minority and Majority Cultures*, edited by R. Bonfil et. al. Leiden: Brill, 2012, p. 953-70.

_______________ *Sefer Yosippon* (*Josippon*) in *A Companion to Josephus*, edited by Honora Howell Chapman and Zuleika Rodger (*Blackwell Companions to the Ancient World*). Oxford: Wiley-Blackwell, 2016, p. 382-9.

EHRMAN, Bart D. and Zlatko Plese. *The Apocryphal Gospels: Texts and Translations*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2011.

EHRMAN, Bart D. *Did Jesus Exist? The Historical Argument for Jesus of Nazareth*. London/New York: HarperCollins Publishers, Eletronic Edition, 2012.

FELDMAN, Louis H. *Josephus and Modern Scholarship (1937-1980).* Berlin & New York: Valter de Gruyter, 1984, p. 679-703.

HOPPER, Paul J. *A Narrative Anomaly in Josephus: Jewish Antiquities XVIII: 63* in *Linguistics and Literary Studies, Interfaces, Encounters, Transfers*, volume 31, edited by Monika Fludernik and Daniel Jacob, Berlin/Boston: Valter de Gruyter, 2014, p. 147-69.

LEONI, Tommaso. *The Text of the Josephan Corpus: Principal Greek Manuscripts, Ancient Latin Translations and the Indirect Tradition* in *A Companion to Josephus*, edited by Honora Howell Chapman and Zuleika Rodger (*Blackwell Companions to the Ancient World*). Oxford: Wiley-Blackwell, 2016, p. 307-21.

MASON, Steve. *Josephus and the New Testament*. Peabody: Hendrickson Publishers, 2003, p. 225-48.

MEIER, John P. *A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus*, Volume One: *The Roots of the Problem and the Person*. New York: Doubleday, 1991, p. 56-88.

OLSEN, Ken. *A Eusebian Reading of the Testimonium Flavianum* in *Eusebius of Caesarea: Tradition and Innovations.* Aaron Johnson and Jeremy Schott (eds.). Washington D. C.: Center for

Hellenic Studies, Trustees for Harvard University, 2013, p. 97-114.

PRICE, Robert M. *The Christ-Myth Theory and Its Problems*. Cranford: American Atheist Press, 2011.

ROBINSON, James M. (ed.). *The Nag Hammadi Library in English: The Definitive Translation of the Gnostic Scriptures Complete in One Volume.* New York: HarperCollins Publishers, 1990.

VAN VOORST, Robert E. *Jesus Outside the New Testament: An Introduction to the Ancient Evidence.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000, p. 81-104.

WELLS, George Albert. *Did Jesus Exist?* London: Pemberton Publishing, 1986, p.10-6.

____________________ *The Jesus Myth*. Chicago: Open Court, 1999, p. 200-21.

WHEALEY, Alice. *The Testimonium Flavianum in Syriac and Arabic* in *New Testament Studies 54.* Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 573-90.

WHISTON, William (tr.). *The Works of Flavius Josephus* (02 volumes). Philadelphia: Jas. B. Smith & Co., 1857.

Na Web:

BOTELHO, Octavio da Cunha. *O Retrato Hostil de Jesus no Toledoth Yeshu*. Edição Eletrônica, 2016a https://www.researchgate.net/publication/322632239_O_RETRATO_HOSTIL_DE_JESUS_NO_TOLEDOTH_YESHU

______________________________ *Jesus no Talmude*. Edição Eletrônica, 2016b
https://www.researchgate.net/publication/322632010_Jesus_no_Talmude